

MAÍLSON CRITICA ESPECULADORES

São Paulo — O ex-ministro Maílson da Nóbrega repudiou os boatos que circularam no mercado ontem à tarde, dizendo que refletem desconhecimento da economia e da situação brasileira. "Uma moratória só ocorreria se passasse um cachorro louco e mordesse toda a equipe econômica", disse, afastando a possibilidade da decretação de uma moratória interna.

Segundo ele, além de ser desnecessária, seria algo "operacionalmente impossível" de ser efetuada. Maílson lembrou ainda que haveria incontáveis exceções no caso de uma moratória, o que a tornaria mais difícil. "E, por fim, a Justiça dificilmente aceitaria isso", disse.

Maílson acha que o pânico e a boataria foram estimulados pelo encontro de quinta-feira entre o presidente Fernando Henrique Cardoso e o ex-ministro Ciro Gomes. Ao dizer que discutiria a reestruturação da dívida interna com Fernando Henrique, Ciro levou essa hipótese, dando respaldo a ela. "Vi muitas pessoas que ficaram impactadas com isso", disse. "Mesmo que essa idéia seja totalmente ilógica."

Mas, na avaliação do deputado federal José Dirceu (SP), presidente nacional do PT, a corrida aos bancos é mais um sinal de que o governo federal perdeu a credibilidade. "Tivemos informações de que no ABC, em Brasília e no Mato Grosso do Sul houve corrida aos bancos. Esse

pânico significa que as pessoas não acreditam mais e temem o confisco", disse Dirceu. "A corrida aos bancos significa que, em nível internacional, a credibilidade já acabou."

Para Dirceu, a tentativa do governo federal de manter a taxa de juros elevada, não controlar o câmbio e esperar a chegada do dinheiro das privatizações e do FMI só "vai prolongar a agonia". "O problema hoje é eminentemente político", disse. As declarações de Dirceu foram feitas ao final da reunião da Executiva Nacional do PT, na sede do partido, em São Paulo.

CONFIANÇA

No Rio, o ex-presidente do banco central dos Estados Unidos, o Federal Reserve (FED), Paul Volcker, alertou que seria "desastroso" para a credibilidade do Brasil mudar as condições de pagamento das dívidas interna ou externa. Ao responder a uma pergunta sobre a possibilidade de reestruturação da dívida, em um seminário na Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), Volcker começou por criticar o eufemismo.

"Não sei o que quer dizer reestruturação, parece um código secreto", afirmou. "Se quiser dizer que o Brasil não deveria honrar os seus compromissos, devo dizer que isso seria desastroso para um país que busca conquistar a credibilidade", avisou. "Essa idéia não deveria nem ser comentada".

O ex-deputado e ex-ministro do Planejamento Roberto Campos disse que a moratória da dívida interna não seria uma solução para os problemas do país.

"Seria um crescente desastre", frisou. "Destruiria o crédito externo e também o interno." Na avaliação de Campos, o momento é de grande turbulência no País.

"Confirma meu receio de que desvalorizações planejadas e controladas são difíceis de executar", disse. "Isso parece ser um privilégio de países desenvolvidos, de Primeiro Mundo, que conseguem fazer desvalorizações às vezes grandes, sem efeitos colaterais negativos." Para o economista, em países subdesenvolvidos o jogo é outro. "As desvalorizações tendem a parecer descontroladas durante algum tempo e é necessário manter os nervos firmes."